

## PIERRE MONBEIG E O BRASIL: TEXTO E CONTEXTO<sup>1</sup>

**Felipe Moura Fernandes**

Professor da Faculdade de Formação de Professores da UERJ; Professor da Rede Estadual do Rio de Janeiro. E-mail: *geomoura2004@yahoo.com.br*

---

### Resumo

Com esse texto, pretendemos explorar o impacto que o Brasil causa na vida intelectual de Pierre Monbeig (geógrafo-francês), visto nossa compreensão do Brasil, apresentando-se como um campo enorme de possibilidades e experimentação. Assim, também é nosso intuito contribuir com a construção da memória da Geografia Brasileira, tendo como princípio que o resgate de determinadas histórias-memórias são de fundamental importância para pensarmos o presente e projetar possibilidades de futuro para o nosso campo disciplinar.

**Palavras-chave:** Geografia, Brasil, História

### Résumé

Avec ce texte, nous avons l'intention d'explorer l'impact que le Brésil a la vie intellectuelle de Pierre Monbeig (géographe français), alors que dans notre compréhension du Brésil, s'est présenté comme un immense champ de possibilités et d'expérimentation. Ainsi, il est aussi notre intention de contribuer à la construction de la mémoire du brésilien de géographie, fondée sur le principe que le rachat de certaines histoires (de mémoire) sont d'une importance fondamentale pour le présent et réfléchir à la conception des possibilités pour l'avenir de notre domaine.

**Mots-clés:** Géographie, Brésil, Histoire

---

“A unificação da proximidade e distância envolvida em toda relação humana organiza-se, no fenômeno do estrangeiro, de um modo que pode ser formulado de maneira mais sucinta dizendo-se que, nesta relação, a distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição de estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação”.

*Georg Simmel*

### O homem fora do lugar: novos desafios

Um dos fatores que desperta o nosso interesse é o que diz respeito ao impacto que Pierre Monbeig sentiu ao chegar ao Brasil, um país que estava se inserindo nas idéias e processos que compõem o modernismo e a modernização.

No entanto, antes de prosseguirmos em nossa reflexão, avaliamos que é de bom tom nos atermos a uma breve explanação sobre os conceitos de modernidade, modernismo e modernização. Além disso, tal diferenciação se faz necessária devido ao fato dessas conceituações – modernidade, modernismo e moderni-

---

<sup>1</sup> Esse trabalho é parte integrante da Dissertação *Os Annales de Geografia e a Geografia dos Annales em Pierre Monbeig*, defendida no Programa de História Social do Território da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, defendida em 18 de dezembro de 2008.

zação – muitas vezes serem utilizadas como sinônimos ou de forma genérica, quando não o são.

Para isso, tomamos como ponto de partida Edward Soja em seu livro *Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*, quando este comenta uma citação de Marshal Berman, em seu livro *Tudo que é sólido desmancha no ar: a experiência da Modernidade* ao dizer que:

A reestruturação e a modernização pontuam não apenas a história e a geografia concretas do desenvolvimento capitalista, como marcam também o curso mutável da teoria social crítica. O estabelecimento dessa ligação entre a economia política do mundo empírico e o mundo da teoria leva-nos a conceituação do modernismo em Berman. Em seu sentido mais amplo, o modernismo é a resposta cultural, ideológica, reflexiva e, acrescentaria eu, formadora de teoria, à modernização. Abrange um conjunto heterogêneo de visões subjetivas e programas de ação estratégicos na arte, na literatura, na ciência, na filosofia e na prática política, desencadeados pela desintegração de uma ordem estabelecida herdada e pela consciência das possibilidades e perigos projetados de um momento ou conjuntura contemporânea reestruturados. O modernismo é, essencialmente, uma “formação reativa”, um movimento social conjuntural, mobilizado para enfrentar a desafiadora questão do que se fazer agora, dado que o contexto do contemporâneo se modificou significativamente. Trata-se, portanto, da consciência formadora de cultura, programática e situada da modernidade (SOJA, 1993. p.39).

A partir disso, entendemos que a Modernidade<sup>1</sup> é um conceito epocal, ou seja, está associado ao início de um novo período histórico que comumente costumamos chamar de Idade Moderna. No entanto, é necessário deixar claro que existem Modernidades. Neste sentido, podemos falar de uma primeira modernidade que vai do século XVI até o século XVIII; e uma segunda modernidade que vai do século XVIII em diante. Essa segunda modernidade tem como ponto de inflexão a Revolução Industrial – associado ao avanço das técnicas/tecnologias – e a Revolução Francesa – com seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade.

<sup>1</sup> Danilo Marcondes contribui para a nossa reflexão ao falar sobre os conceitos de modernidade e de modernização: “O conceito de modernidade está sempre relacionado para nós ao ‘novo’, aquilo que rompe com a tradição. Trata-se, portanto, de um conceito associado quase sempre a um sentido positivo de mudança, transformação e progresso. Não é à toa que no discurso político frequentemente encontramos este termo, quando falamos, por exemplo, em um projeto de ‘modernização’ do país”. (MARCONDES, 2002, p.139).

No entendimento das Modernidades o próprio Marshal Berman no livro supracitado contribui ao dizer que:

Na primeira fase, do início do século XVI até o fim do século XVIII, as pessoas estão apenas começando a experimentar a vida moderna; mal fazem idéia do que as atingiu. (...) Nossa segunda fase começa com a grande onda revolucionária de 1790. Com a Revolução Francesa e suas reverberações, ganha vida, de maneira abrupta e dramática, um grande e moderno público (BERMAN, 2007. p.25-26).

Já no que diz respeito ao Modernismo, podemos afirmar que está mais centrado no campo das idéias, surgidas ao longo deste novo período histórico que é a Modernidade. Acreditamos, com base nas leituras realizadas, que o modernismo está intimamente ligado à arte, à literatura, à ciência e à filosofia, enfim, aos saberes e às formas de conhecimento e de reconhecimento em geral.

Nessa mesma orientação, a Modernização está atrelada aos processos de caráter mais empíricos ligados diretamente à Modernidade e ao Modernismo. A Modernização está associada basicamente à evolução técnica/tecnológica que vivenciamos, tais como: a maquinização da produção, o avanço nos meios de transporte e comunicação, etc. De igual forma, vale acrescentar que tais avanços nos conduziram a novas apreensões e representações de tempo (histórias) e espaço (geografias).

\*

Nesse sentido, destacamos que a Europa e, em particular a França, já experimentava as apreensões espaço-temporais típicas da modernidade – associadas a tais processos de modernismo (idéias) e modernização (técnicas) e suas respectivas relações.

Diante dessa exposição, ressaltamos que Pierre Monbeig era um geógrafo atento ao “tempo presente” e, além disso, a “dimensão temporal” é “onipresente” em suas análises. Estes fatos confirmam ainda mais a influência da primeira geração dos *Annales de História Econômica e Social* em sua formação intelectual.

<sup>2</sup> É necessário ressaltar que os *Annales de História Econômica e Social*, enquanto um movimento intelectual de renovação da historiografia francesa, surgiram e ganharam força no cenário intelectual deste país a partir da *Revista Annales de História Econômica e Social*. Desta forma, a revista, em si, já apresenta uma síntese de esforços em prol de uma renovação da historiografia francesa que terá um re-desdobramento

Em seu texto *Tempos geográficos e construção dos espaços na análise de Pierre Monbeig*, Marcel Roncayolo faz uma interessante reflexão sobre a tese de doutorado de Pierre Monbeig e nos informa que: “Graças a referências que eram pelo menos tão históricas (embora quase de uma história do presente) quanto geográficas, ele definia a originalidade de seu campo de trabalho: [...]” (RONCAYOLO, 2006, p.119).

Na sequência Roncayolo permite que o próprio Monbeig fale, através de um trecho de sua tese *Pionniers et planteurs de São Paulo*.<sup>3</sup>

Tudo acontece como se este país tivesse conhecido em três quartos de século no máximo, o que foram necessários milênios de anos para se fazer na Europa. É exatamente isso: o nascimento e a formação da paisagem rural, fundação e crescimento das cidades, construção das redes de comunicação, mistura de raças, elaboração de uma mentalidade regional, tal é o imenso trabalho que prossegue ainda diante de nossos olhos (MONBEIG, 1952, p.13).

---

grande para além dela, com o surgimento da *Escola* dos Annales. Em outras palavras, achamos interessante destacar que há contextos diferenciados que pautam o surgimento dos Annales de História Econômica e Social como *Revista* e como *Escola*. Neste sentido, o movimento dos Annales como *Escola*, em nosso entendimento, se pauta no período pós-segunda Guerra Mundial e, assim sendo, foge dos objetivos de nossa pesquisa. A classificação do movimento intelectual dos *Annales* como *Escola*, vem sendo, questionada por alguns intelectuais. Como nos demonstra Carlos Antonio Aguirre Rojas em seu livro *Uma História dos Annales (1921-2001)*: “Tal movimento intelectual e historiográfico acabou por consagrar ao equivoco nome de *Escola dos Annales*, como um termo, mundialmente célebre e como uma referência amplamente difundida. Ainda que esse termo cômodo tenha conquistado um consenso planetário, tem sido amiúde criticado, recusado e desqualificado por praticamente todos os historiadores da corrente. Desde o próprio Lucien Febvre até Bernard Lepetit e Jean-Yves Grenier, passando por Fernand Braudel, Marc Ferro, Jacques Le Goff ou Jacques Revel, entre outros, vemos multiplicarem-se as declarações explícitas e as reiteradas negações em torno da legitimidade desta célebre conotação, seguidas sempre da explicação de que *não* se trata, em termos estritos, de uma ‘escola’ – o que implicitamente supõe a essencial unidade de um mesmo projeto intelectual e de um horizonte teórico e metodológico, mantido sem mudanças fundamentais ao longo de quatro gerações de historiadores –, mas mais apropriadamente de um simples e cômodo qualificativo” (ROJAS, 2004, p.10-11).

<sup>3</sup> A tese de Pierre Monbeig foi publicada na França com o seguinte título, pela seguinte editora: *Pionniers et planteurs de São Paulo*, Paris, A Colin, 1952.

A atenção que Pierre Monbeig dispensa aos problemas contemporâneos e, por consequência, ao “tempo presente”, é confirmada por Salgueiro, na medida em que a autora comenta o texto de Roncayolo: “Marcel Roncayolo evidencia que Monbeig fez, sobretudo, uma ‘história do presente’, considerando o jogo dos atores e a dimensão temporal que atravessa a lógica da organização do território [...]”. (SALGUEIRO, 2006, p.91).

Tendo em vista as diferenciações entre o Brasil e a Europa, e de maneira particular a França, entendemos que a vinda de Pierre Monbeig para o Brasil causa um impacto na sua apreensão do tempo e do espaço. Tal diferenciação na apreensão dessas categorias, por parte de Pierre Monbeig, fica explícita em suas próprias palavras, destacadas por Salgueiro:

[...] no Brasil descobri o espaço, e que para um geógrafo é essencial [conhecer] outras dimensões [...] Tomei consciência que a França é um país de distâncias minúsculas. Isso é uma mudança de escala no espaço, porém também creio que havia uma mudança de escala no tempo, principalmente para a geografia humana que pratico [...] Lá compreendi a expressão *Novo Mundo*, e que, no Brasil, as mudanças ocorriam em um ritmo que descobriríamos na França. Sobretudo naquela época, quando a França era um país consolidado, estável, onde quase nada acontecia (SALGUEIRO, 2006, p. 91).

Esta citação, em nossa avaliação, tem um grande valor. Entendemos que ajuda a demonstrar que, apesar da Europa ter feito a sua revolução industrial no século XIX e apresentar uma vanguarda nos movimentos artísticos e intelectuais – que compõem o modernismo em linhas gerais –, parece ainda viver uma ressaca da Primeira Guerra Mundial onde os caminhos traçados até então não tiveram o resultado esperado. Em contraposição a isto, o Brasil se apresentava como um país onde tudo parecia estar por fazer e onde os processos de modernismo e modernização estavam sendo inseridos, inclusive, a possibilidade de se repensar a nacionalidade deste país (Brasil).

Considerando o Brasil um país onde tudo está por se fazer, nos colocamos a seguinte questão: qual será o papel de Monbeig e dos demais intelectuais franceses ligados às ciências sociais? Qual o lugar desses intelectuais aqui na Brasil? Nesse sentido, Paulo César da Costa Gomes em seu texto *O desenvolvimento geográfico dos conhecimentos e de seus intérpretes: os exemplos de Pierre Monbeig e Roger Bastide no Brasil* contribuem bastante em nossa reflexão. A partir da

leitura deste texto, é de nossa compreensão que esta forma de encarar o Brasil, comparando-o à Europa, será extremamente saudável, no caso de Pierre Monbeig e de Roger Bastide.

Em outros termos era preciso encontrar uma solução de compromisso entre os ensinamentos prontos trazidos da Europa e o terreno brasileiro. Para estes jovens docentes, o ato de se debruçar sobre o conhecimento dos espaços e da sociedade brasileira, sem um conhecimento anterior da língua, da literatura, da história, era como avançar sobre um terreno movediço: a linha reta não era sempre a mais certa (GOMES, 2006, p.226).

Inicialmente, estes intelectuais irão perceber que não devem fazer uma simples transposição das teorias e fundamentalmente dos métodos de análise utilizados na Europa – o Brasil, como já destacamos, apresentava uma realidade muito diferente desse continente. Após isso, esses mesmos intelectuais, tiveram que “mergulhar” na realidade brasileira em busca de uma compreensão original. Reforçando o que foi dito anteriormente – apenas no caso de Pierre Monbeig –, Marcel Roncayolo ressalta que:

Pierre Monbeig se encontrava no Brasil diante de uma geografia que estava sendo feita, uma geografia em construção, e ele se interessava por um mundo pioneiro, com problemas, mas sempre em movimento, o que lhe dava uma grande liberdade em relação às disciplinas. O Brasil encontrava nele um homem bem preparado para esse exercício e capaz de compreender nos territórios em formação, obedecendo a ritmos muito mais acelerados do que aqueles do Velho Continente (Roncayolo, 2006 p.119).

Ao desejar pontuar a intervenção de Monbeig no Brasil, encontramos uma interessante avaliação da geografia brasileira, feita por Pierre Monbeig, no *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*. A elaboração desse manual bibliográfico foi dirigida por Rubens Borba de Moraes e Willien Berrien, sendo que, o primeiro era subdiretor dos Serviços Bibliotecários da Organização das Nações Unidas e, o segundo, professor da Universidade de Harvard. Em seu texto, Monbeig, denuncia o isolamento intelectual que se vivia no Brasil naquele momento: “Todo o contato com a Europa está interrompido. Quase a mesma coisa acontece com os Estados Unidos” (MORAIS, et al., 1998. p.471-472). Mais adiante em seu texto, Pierre Monbeig volta a falar do “isolamento intelectual” e do “[...] estágio em-

brionário das bibliotecas e da bibliografia do Brasil”. E, conclui, dizendo que: “No nosso setor, não existe uma boa bibliografia anterior a 1949. Na seção intitulada pretensiosamente de ‘fontes, periódicos, bibliografias, documentos estatísticos’, encontrar-se-á muito pouca coisa” (MORAIS, et al., 1998. p.472-473).

Dessa forma, Monbeig faz um interessante inventário da bibliografia de interesse dos geógrafos, do século XIX até a década de 40 do século XX. Nesse inventário, destacamos alguns nomes, como os de: Saint-Hilaire (viajante), Teodoro Sampaio (geólogo), Alberto Lamego Filho e Pierre Deffontaines, entre outros.<sup>4</sup>

Em acordo com as reflexões desenvolvidas anteriormente, Pierre Monbeig vê nas dificuldades encontradas a possibilidade do desenvolvimento de “tendências interessantes” no Brasil.

A situação precária da geografia no Brasil merece uma explicação. Se pensarmos nas circunstâncias e condições em que se desenvolveu a ciência geográfica neste imenso país, grande e variado como um continente, justificaremos, perfeitamente, o estado atual e poderemos apreciar melhor as tendências interessantes que se tem manifestado de alguns anos pra cá. (MORAIS, et al., 1998., p.474).

É interessante notar que Pierre Monbeig faz uma intervenção no “conflito” estabelecido entre as sociedades histórico-geográficas (IHGB) e a concepção moderna de geografia – a qual Monbeig estava filiado.

Dava-se-lhe então o nome de geografia o nome de ‘geografia’ ou ‘ainda’ de ‘corografia’ e elas se reduzem a listas de nomes de rios, montanhas, cabos e baías. Encontramo-lás também sob a forma de grandes dicionários geográficos, com um acúmulo as vezes inquietantes de nomes, mais ainda de números. Este período da geografia está hoje ultrapassado, teve, no entanto, sua utilidade. [...] Infelizmente, estas sociedades histórico-geográficas, conservaram, nos meados do século XX, grande parte da mentalidade que era justificada nos fins do século XIX. Encabeçando, outrora, os estudos histórico-geográficos, os Institutos são círculos calmos e solenes, onde se

<sup>4</sup> Ainda vale destacar que nas palavras de Pierre Monbeig, “O lugar de honra é dado a Elisée Reclus. O volume que publicou sobre os Estados Unidos, um dos melhores de toda a sua obra, data de fins do século XIX. Desta data em diante, muita modificação houve. Mudaram também os métodos das ciências geográficas. Mas Reclus enfrentou, sem medo, os assaltos do tempo e sua leitura é recomendável aos jovens estudantes” (MORAIS, et al., 1998., p.480).

trabalha sempre com minúcia e aplicação, mas em móveis poeirentos. Lamentamos ainda mais, por serem grande número de assuntos abordados, nesse ambiente de espírito antiquado, em um real interesse para a geografia humana. (MORAIS, et al., 1998. p.479-480).

A partir da reflexão de Roncayolo e de Gomes, entendemos que o Brasil se apresentará como um grande campo de experimentação para esses intelectuais. O período que Pierre Monbeig passou pelo Brasil – esse abismo de possibilidades – foi de fundamental importância para sua vida acadêmica e para que esse pudesse inovar o seu próprio campo de pesquisa em seu país de origem. Nesse momento, de acordo com Gomes, o “terreno brasileiro” foi de grande fertilidade “para o desenvolvimento das ciências sociais e a renovação dos métodos e mesmo das disciplinas acadêmicas” (GOMES, 2006, p.224).

De acordo com Levy Strauss:

[...] ‘essa talvez tenha sido a experiência decisiva de nossas existências. Não somente porque aquela foi a primeira vez que, ainda jovens professores, nós nos expatriávamos em um país muito distante, mas porque nesse momento nós nos encontrávamos, para nossos estudos respectivos (quer fossem os antropólogos, os sociólogos, os geógrafos ou os historiadores), em um terreno de uma riqueza realmente prodigiosa e que, ao contrário dos terrenos do Velho Mundo, era ainda completamente inexplorado... Então, isso foi para nós uma verdadeira revolução espiritual’. (GOMES, 2006, p.226).

Dessa forma, entendemos que o Brasil será uma provocação intelectual para a vida e o pensar desses intelectuais. Vale ressaltar, especificamente, uma característica importante no que diz respeito a Pierre Monbeig, a articulação das escalas de análise. Pierre Monbeig, em sua tese, parte de análise do todo até chegar a apontar a construção de uma determinada mentalidade dos pioneiros. Nesse sentido, ele já trabalha com uma perspectiva que poderíamos chamar de multi-escalar.

Enfim, Gomes, nos traz um interessante episódio acontecido entre Antonio Cândido e Pierre Monbeig:

Note-se que esta ‘abertura de espírito’ nem sempre foi bem compreendida pelos estudantes para quem muitas das vezes o terreno brasileiro era concebido como desprovido de interesse e não devia, pois, ser digno de atenção por parte dos mestres do pensamento francês. Dessa forma, Antonio Cândido se lembra de ter sido surpreendido por

uma pergunta de Pierre Monbeig inquirindo-o sobre o nome do vento que sopra o final da tarde no litoral de São Paulo e ajuda os pescadores. Ele foi também incapaz de responder a Monbeig quando este prosseguiu lhe perguntando sobre a técnica dos operários brasileiros para enrolar tabaco; mais surpreendido ainda ficou quando o professor lhe pediu que descrevesse o sistema orográfico ao qual pertence a colina que era visível olhando-se pela janela da sala de aula. Ele não conhecia nenhuma das respostas, mas sobre o Maciço Central francês era imbatível! Então, segundo o próprio Antonio Cândido, com um indisfarçável ar de aborrecimento Monbeig concluiu perguntando: ‘Não tem o senhor vergonha de ignorar coisas tão elementares de seu próprio país e de conhecer aquilo que não lhe interessa e não lhe serve em nada?’ (GOMES, 2006, p.226-227).

Parece-nos que a situação descrita acima por Paulo César Gomes nos conduz ao nosso ponto de partida nesse capítulo, em outras palavras, à nossa epígrafe. Sendo assim, de acordo com as idéias do pensador alemão Georg Simmel – também situado na virada do século XIX para o XX –, podemos afirmar que “ser um estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação”. Ao trazermos esta reflexão de Simmel para o intelectual Pierre Monbeig, resgatado por nós, ela parece se justificar, visto que esse estrangeiro (geógrafo), ao sair de seu país e vir para o Brasil, se mostrou potencialmente próximo de nossa realidade. E, além disso, ainda se permitia demonstrar aborrecido quando um brasileiro chamado Antonio Cândido ignorava conhecimentos geográficos elementares, na perspectiva de Monbeig, para o conhecimento do Brasil.

## A-final

O grande diferencial deste geógrafo, estudado por nós, parece ter sido a sensibilidade – para perceber – e a capacidade – para agir – de forma inovadora, onde sua abertura de espírito mostrava um olhar interdisciplinar, para além das disciplinas, porque partia do mundo observado ao seu redor. Pierre Monbeig apesar de ser explicado, em parte, pelo contexto que o envolve, deixa uma sensação de transgressão, onde o “missionário” foi extremamente modificado pela “missão” que lhe foi atribuída e aceita.

Assim, a relação que Monbeig estabelece com o Brasil nos revela uma possível inversão na lógica das “missões”, onde repousavam perspectivas civilizatórias portadoras de uma mesma resposta para realidades tão distintas e peculiares.

## Referências Bibliográficas

- BERMAM, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. Companhia das Letras, 2007. p.25-26.
- GOMES, Paulo César da Costa. O deslocamento geográfico dos conhecimentos e de seus intérpretes – Os exemplos de Pierre Monbeig e Roger Bastide no Brasil. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (org.). **Pierre Monbeig e a Geografia Humana Brasileira: a dinâmica da transformação**. São Paulo: Edusc, 2006, p.226.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação á História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittiegenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p.139.
- MONBEIG, Pierre. **Pionneirs et planteurs de São Paulo**, Paris, A Colin, 1952.
- MORAIS, Rubens Borba; BERRIEN, William. **Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros**, 1º vol, In: Coleção Biblioteca Básica Brasileira. Brasília: Senado Federal, 1998. p.471-472.
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **Uma história dos Annales (1921-2001)**. Maringá: Eduem, 2004, pp.10-11.
- RONCAYOLO, Marcel. Tempos geográficos e construções dos espaços na análise de Pierre Monbeig. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (org.). **Pierre Monbeig e a Geografia Humana Brasileira: a dinâmica da transformação**. São Paulo: Edusc, 2006. p.119.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti (org.). **Pierre Monbeig e a Geografia Humana Brasileira: a dinâmica da transformação**. São Paulo: Edusc, 2006. p.91.
- SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. p.39.

Artigo enviado em 06/11/2010.